

XIII SALÃO DE
ENSINO

UFRGS

PROGRAD RELINTER
PROPG CAF
SEAD SAI

CONHECIMENTO FORMACÃO INOVAÇÃO
Salão UFRGS 2017

múltipla
UNIVERSIDADE
inovadora inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: XIII SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Oficina de Quitapenas
Autores	ALINE DA ROSA DEORRISTT DEBORA BALZAN FLECK
Orientador	PAOLA BASSO MENNA BARRETO GOMES ZORDAN

RESUMO: Apresentamos a experiência de trabalho de um projeto de extensão vinculado à pós-graduação que funciona como uma oficina gratuita, quinzenal, de bonecas mágicas *quitapeñas* (*quita + pena = quitar uma pena*). As quitapenas são bonecas ameríndias, provavelmente oriundas da Guatemala. Elas são usadas tradicionalmente pelas comunidades indígenas para espantar o males, funcionando como bonecas de resistência, como as abayomis de origem africana. Construídas com materiais simples, as quitapenas tem o poder de levar consigo as preocupações. As mães costumam fazê-las para colocar embaixo do travesseiro das crianças, que contam os males para a boneca, para que ela os dilua na manhã seguinte, levando-os embora. A partir de uma relação afetiva por essa tradição, transformamos a prática-ritual de confecção de bonecas quitapenas em projeto de extensão para nos apropriarmos desse fazer como materialização de nossos pensamentos. E com isso, criar o seu corpo e permitirmo-nos transitar em posturas artísticas e analíticas por meio da ação. No intuito de utilizá-las como estudo clínico e artístico, promovemos encontros e interações como experiências compartilhadas e de agenciamentos, em que cada participante cria a sua própria boneca e seu ritual, de acordo com suas necessidades. A oficina de quitapena é o lugar em que buscamos a materialização do que não poderia ser dito com palavras, e desse modo, a boneca funciona como um dispositivo de subjetividades e que nos ajuda a pensarmos sobre nós mesmos, nossas vidas e questões atuais. Acreditamos que a confecção da quitapena atravessa o privado, o que é considerado pessoal, e o torna "povoado", "forma figuras de uma história e uma geografia incessantemente reinventadas" conforme escreve Gilles Deleuze, em *Crítica e Clínica*. Nesse espaço de convívio, produzimos um tempo que apelidamos de "mágico" e que abre uma fissura na densidade do dia a dia, para a criação e a visualidade. Utilizamos para isso uma metodologia que pensa práticas educadoras pela perspectiva da Filosofia da Diferença que tem como autores Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault. É a partir dos autores que pensamos as práticas e estudos de linguagem operando como um processo de subjetivação e de reinvenção, um meio de "saúde", de constituição de paisagens (corpos) existenciais. Sempre inacabada e em devir, o fazer artístico, artesanal, constitui pela matéria as visões de uma possibilidade. Pensando dessa maneira, oferecemos espaço, materiais e conversas orientadoras que permitem o envolvimento com o tema desde sua origem, mas de modo a ampliá-lo. Não há um modelo a ser seguido, pressupostos didáticos de como fazer um "correto" ou de um "onde chegar", portanto o receio de uma falta de instrumentalidade ou de anterior iniciação é rompido desde o início: o que apresentamos são possibilidades, meios, repertórios realizados a partir de então. Os participantes das oficinas são bem heterogêneos, pois já estiveram conosco de crianças à adultos, mulheres e homens, e essa diferença tem produzido relações e bonecas bem surpreendentes. No final de cada encontro, cada participante dá voz à sua quitapena, o que tem sido disparador de conversas complexas e bastante afetivas sobre assuntos diversos, como questões políticas, de feminilidade, sexualidade, corpo, memória, infância, dentre outros assuntos da vida cotidiana. As bonecas vêm sendo confeccionadas também pelos participantes como presente, agradecimento, objeto simbólico de lutas, emoções e desejos, abrindo os significados das palavras e dos objetos em suas vidas. A oficina aberta vem acontecendo num atelier de arte no Centro Histórico da cidade, mas também é itinerante. Foram realizadas oficinas em espaços de cultura e resistência, como a Ocupação de Mulheres Mirabal, de Porto Alegre, e a biblioteca Jardim de Livros, em Morro Reuter. As oficinas nos servem como processo de estudo sobre educação, filosofia e arte, e como resultado, iremos apresentar um livro de contos, todo ilustrado, sobre as muitas vidas das quitapenas.

Palavras-chave: educação. oficina. quitapenas.